

FANON AGORA: REFLEXÕES PARA UMA INSURGÊNCIA INTELLECTUAL NEGRA

FANON NOW: REFLEXIONS FOR A BLACK INTELLECTUAL INSURGENCY

Priscila Elisabete da Silva¹

Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro

Deivison Mendes Faustino

São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018, 144 páginas

ISBN: 978-85-68660-35-5

No contexto atual brasileiro, vemos emergir com muita intensidade – aquilo que outrora estava latente – uma horda ensandecida a disseminar o “anti-intelectulismo”. Essa postura atinge as diferentes categorias de intelectuais (engajado, orgânico, público, especialista), chamando a atenção para a crítica ao papel desse agente social.

Enquanto mulher negra, educadora e pesquisadora das relações raciais, minha reflexão tem se voltado à compreensão de um dos fenômenos sociais que estruturam nossa sociedade: o racismo. Nesse tocante, tenho observado a emergência de importante movimento intelectual proveniente de mulheres negras principalmente. É um movimento que toma contornos insurgentes e apresenta características imprescindíveis à construção de modelos epistemológicos capazes de apreender a complexidade social presente. Isso porque partem de reflexões alicerçadas em experiências de vida que questionam as narrativas totalizantes, indicando suas características, efeitos e limites.

Não obstante – e até mesmo pelo momento em que se encontram –, ainda é predominante nesses novos discursos o foco na denúncia. Nota-se que ainda é incipiente o processo de construção de teorias que, partindo das experiências de vida e do conhecimento científico acumulado, sejam capazes de apresentar proposições densas. Para tanto, seria preciso – a meu ver – repensar a constituição, o papel, as metodologias e o alcance da intelectualidade negra brasileira. É uma empreitada árdua, pois implica expor temas espinhosos, tais como: hierarquia de gênero, vocação *versus* oportunismo,

¹ Priscila Elisabete da Silva é socióloga e docente no Centro Universitário Hermínio Ometto (Uniararas). Doutora em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP) e mestra em sociologia pela Universidade Estadual Paulista (FLC/Unesp). *Link* para a Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8556005071497537>. OCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9479-9551>. *E-mail* para contato: pribety@gmail.com.

■ resenha de livro

escolhas teóricas, ideológicas e visões de mundo, por exemplo. Mas, sobretudo, lidar com a complexidade inerente ao grupo humano que vai muito além das afirmações identitárias.

A dificuldade em desenvolver tal tarefa não é atributo da intelectualidade negra brasileira, nem só dela deve partir. No entanto, há nela um potencial revolucionário, dado que conhece os efeitos do racismo na prática, mais que na teoria. Ir além do aparente e da denúncia torna-se capital nesse sentido. Será essa uma maneira de identificar estruturas perenes legadas pelo colonialismo (a exemplo do racismo).

Talvez a primeira tarefa fosse desenvolver a autocrítica. É possível que a palavra-chave para uma metodologia adequada seja empatia. Exercitar a empatia (desenvolver a escuta atenta, sentir, ver... ler, analisar, ponderar, criticar, dialogar, identificar, reconhecer...) é um pressuposto que tem o potencial de pensar nossas experiências em conjunto com outras experiências. Não se trata de comparar, hierarquizar, mas entender o todo complexo, isto é, pensar o ser humano como um ser complexo e não como grupos distintos e hierarquizados que visam dominar a qualquer custo.

É nesse sentido que o livro de Deivison Faustino sobre Frantz Fanon merece destaque, porquanto recoloca em pauta as contribuições de um importante intelectual negro do século XX que tão bem soube expressar o que Cornel West salientou em “O dilema do intelectual negro”:

O futuro intelectual [negro] não subjaz numa disposição de deferência aos seus pais do Ocidente, nem numa busca nostálgica dos antepassados africanos; reside, certamente, numa negação crítica, numa preservação inteligente e numa transformação insurgente dessa linhagem híbrida que protege a terra e projeta um mundo melhor (West, 1999)².

Falava West, na década de 1980, algo ainda hoje tão presente: o desafio da afirmação identitária sem, contudo, sucumbir à polarização ideológica inócua.

Penso que, no momento contemporâneo em que as incertezas pairam sobre todos, é mais que propício discutir o papel do intelectual em nossa sociedade. Tal discussão, no limite, pode fazer despontar uma crítica que culmine em novas perspectivas de ação.

Nesse espírito, destaco o livro *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*,³ de Deivison Mendes Faustino, lançado em 2018. Fruto de pesquisa densa, em formato de ensaio, com escrita polida e fluente, o livro é composto de 19 capítulos concisos que apresentam uma biografia teórica sobre Fanon. Lançando mão de importantes estudiosos do pensamento fanoniano (dentre eles, Silvia Wynter, Lewis Gordon, Ato Sekyi-Otu, Stuart Hall, Valter Silvério), Faustino desenvolve uma narrativa que dá conta de “reconstruir a trajetória pessoal e política de Fanon”, além de “oferecer maiores subsídios

² Disponível em: <http://bolodomundo.blogspot.com/2018/01/o-dilema-do-intelectual-negro.html>. Acesso em: 18/10/2018.

³ O livro chegou a mim pelas mãos do próprio autor, na ocasião de lançamento da obra *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017, organizada por Tânia Mara Pedroso Müller e Lourenço Cardoso.

■ resenha de livro

para o entendimento dos contextos sobre os quais escreveu”. Toma por premissa teórica orientadora de seu texto a sociogenia (*sociogénie*), que “pressupõe um sociodiagnóstico que conceba a subjetividade sempre em relação com os seus determinantes históricos e sociais” (Faustino, 2018: 14-15). Desse modo, conhecemos algumas das principais produções teóricas de Fanon à luz dos contextos histórico-sociais que foram engendrados.

Destaco a metodologia que orientou a pesquisa de Faustino como merecedora de atenção na medida em que se preocupa em entender a produção do conhecimento levando em conta aspectos subjetivos e sociais. Preocupação também presente na obra de Fanon, pois, como enfatiza Faustino, a teoria fanoniana abarca os aspectos psicológicos, sociais e culturais, além da preocupação em defender:

[...] uma dialética crítica que rejeita o essencialismo implícito no coletivismo forçado da raça e da nação e, por outro lado, recusa o universalismo abstrato próprio ao humanismo europeu para afirmar um novo humanismo, voltado à desracialização da experiência por meio da afirmação aberta e conjuntural de particularidades universais (Faustino, 2018: 15-16).

Pela narrativa, conhecemos as múltiplas faces de Frantz Omar Fanon, homem negro, nascido em 1925, no seio de uma família de classe média em Fort-de-France, Martinica. Revolucionário, intelectual preocupado com a dimensão da cultura e da constituição da subjetividade. Também conhecemos o Fanon filho, marido, pai, “um pesquisador do sofrimento psíquico” (Faustino, 2018: 97). Mas, sobretudo, distinguimos as contribuições de Fanon – especialmente – à compreensão sobre a relação entre colonialismo e racismo em textos que produziu durante a primeira metade do século XX. Isso porque ele apresentou questões centrais ao entendimento dos efeitos da colonização às sociedades e, especialmente, aos indivíduos (sejam colonizadores, sejam colonizados).

Faustino inicia seu ensaio com uma apresentação na qual explica as motivações que geraram o livro, seu objetivo e pressuposto teórico-metodológico. A cada capítulo entendemos um pouco mais sobre momentos cruciais da vida desse intelectual e o impacto que tiveram na constituição de suas reflexões, as quais, por sua vez, influenciaram importantes movimentos, tais como: Black Panther Party (Estados Unidos da América), Black Consciousness Movement (África do Sul) e Irish Republican Army – IRA (Irlanda do Norte), além de intelectuais como Angela Davis, Judith Butler, Steve Biko e, ainda,

[...] Ali Shariati, importante intelectual da Revolução Iraniana; o filósofo argentino Enrique Dussel, formulador da filosofia da libertação; e o brasileiro Paulo Freire, formulador da pedagogia da libertação; os críticos culturais anglófonos Edward Said, Homi Bhabha, Stuart Hall e Gayatri Chakravorty Spivak; o filósofo jamaicano Lewis Gordon e o filósofo esloveno Slavoj Žižek; o geógrafo britânico David Harvey; os sociólogos brasileiros Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Clóvis Moura e Valtair Silvério; e a psicanalista, também brasileira, Neuza Santos Souza, entre outros (Faustino, 2018: 123-124).

Como se pode notar, o livro de Faustino trata de um dos principais pensadores do

■ resenha de livro

século XX, que contribuiu para os estudos pós-colonialistas analisando questões que nos afligem até os dias atuais.

Ressalto da leitura a dinâmica com que Faustino apresenta e reflete sobre como Fanon pensou os efeitos da colonização na constituição da subjetividade. Questões como o poder da educação colonial, a idealização do branco como padrão de normalidade, o desejo de ser branco e seus efeitos psíquicos e sociais são temas trabalhados à medida que somos expostos a textos e momentos da vida desse intelectual negro.

No capítulo “Os nossos pais, os gauleses”, Faustino apresenta a percepção de Fanon sobre a estrutura colonial racista. A estrutura institucional colonial é percebida e analisada como instrumento ideológico que, ao passo que nega a estrutura dos colonizados, afirma a estrutura do colonizador como o único modelo a ser seguido, justificado pelo argumento de ser ela a própria civilização humana.

Ocorre que a exaltação dos valores europeus, na ilha, era sempre acompanhada pela negação sistemática de todas as dimensões humanas dos nativos, observável no trato inferiorizante dispensado ao *crioulo*, língua falada pelas classes subalternas da Martinica (Faustino, 2018: 21).

A escola cumpre, nesse sentido, papel importante de negação da cultura do colonizado e, ao mesmo tempo, afirmação da cultura do colonizador como padrão de humanidade.

A lógica colonial valeu-se da hierarquização racial para afirmar a dominação e usurpação das colônias. Os dispositivos ideológicos introduzidos induziam à afirmação da hierarquização sob a promessa de assimilação, de pertencimento à identidade europeia que nunca seria alcançada, como analisará Fanon. Aos poucos o colonizado percebe que a língua com a qual fora alfabetizado transmitia a ideologia colonial. No caso de Fanon, o “*Je suis Français*”, frase com a qual fora alfabetizado na escola, se mostrou, com o tempo, uma falsa sentença. Ao tomar consciência desse processo, ocorre “a ruptura narcísica de um filho bastardo”, capítulo no qual Faustino destaca questões caras ao entendimento dos impactos da colonização às relações familiares a partir das expectativas acerca do ideal de masculinidade e paternidade. A consciência de si, enquanto não europeu – o filho bastardo –, é um dos elementos centrais desse capítulo.

A partir dessa consciência nasce sua relação com um movimento de afirmação da identidade negra urdido em países de colonização francesa que teve forte repercussão mundial. Se até a década de 1940 o termo *noir* fora usado para designar a cor preta e o termo *nègre* “era utilizado para classificar pejorativamente as pessoas de pele escura”, com o nascimento do movimento da Negritude (*Nègritude*, pela grafia francesa) ocorre uma positivação do termo *nègre* que passa de estigma a marca sagrada (Faustino, 2018: 34). A ligação de Fanon com destacados representantes desse movimento é apresentada e discutida por Faustino.

Realçando escritos de Fanon, Faustino analisa que o intelectual percebeu nitidamente o potencial de transformação inerente ao processo colonial em curso, que se fazia sentir

■ resenha de livro

com o movimento da Negritude: “É o branco (Blanc) que cria o negro (nègre), mas é o Negro (nègre) que cria a negritude (negritude)” (Fanon, 1968: 29 *apud* Faustino, 2018: 35).

A relação estabelecida entre Fanon e Aimé Césaire influenciou-o, seja na maneira como compreendia os problemas sociais, seja como se posicionava perante a esquerda marxista francesa. Entretanto, a despeito da admiração por Césaire, Fanon foi capaz de se deslocar e tecer críticas ao movimento da Negritude, que tinha naquele intelectual grande expoente.

Como ficará nítido em seus futuros escritos, para ele [Fanon] a *Négritude* tem o mérito de ser a antítese afetiva do racismo branco, mas por vezes esbarra na visão racializada que o branco criou (Faustino, 2018: 40).

Apresenta-se aqui mais uma importante crítica feita por Fanon válida para pensarmos os movimentos negros contemporâneos, seus alcances e limites, além das armadilhas inerentes à lógica racialista.

Como se deu a inserção no ambiente intelectual, os entraves de ordem objetiva e subjetiva são analisados e destacados à luz do que era ser um homem negro (e intelectual) na França das décadas de 1940 e 1950. A racialização também era forte no ambiente universitário.⁴ No entanto, Fanon criou – com custo subjetivo – estratégias para não cair no isolamento racial.

Na universidade, Fanon torna-se aluno de Jean Lacroix e Merleau-Ponty em um contexto de efervescência acadêmica em face dos desafios do pós-guerra. Pensadores como G. Cangulhem, Jean-Paul Sartre, Georges Balandier, além dos já mencionados, são destacados dentro do ambiente intelectual que o formou. Participou ativamente daquele ambiente intelectual, por meio de debates teóricos e de militância. Contudo, seu corpo negro – dentro daquele espaço esmagadoramente branco – não passou despercebido e desafiou suas relações mais íntimas. Essa experiência o fez refletir a respeito dos estereótipos e sobre o homem negro e relações afetivas.

A leitura dessa passagem suscita reflexão sobre dois temas sensíveis ao movimento negro ainda hoje e, especialmente, às mulheres negras. O primeiro é a questão dos relacionamentos afetivos dentro de uma sociedade racista. É fato que o histórico da colonização – como demonstram importantes pensadores pós-colonialistas – deixou profundas cicatrizes no corpo social. Estas ainda marcam (e orientam) o inconsciente coletivo, tendo em vista a persistência do racismo. Desse modo, alguns indivíduos racionalizam suas relações afetivas orientando-se pela premissa da racialização humana.

Essa postura nem sempre é consciente, podendo mesmo ser fruto de estratégias de sobrevivência material e simbólica. Fato é que, no mercado matrimonial, na economia

⁴ Segundo aponta Faustino, dos “400 estudantes universitários da cidade [Lyon], menos de 20 eram negros e, para estes – todos homens, oriundos em sua maioria da África Ocidental –, restava a opção de integrar-se à comunidade estudantil como um todo (leia-se branca) ou entregar-se ao isolamento” (Faustino, 2018: 47).

■ resenha de livro

afetivo-sexual, a despeito dos efeitos do racismo, o homem negro, mesmo estando abaixo do homem branco na hierarquia racial, em relação à mulher negra apresenta “vantagens”, como demonstram estudos sobre o tema (Berquó, 1987; Carneiro, 1995; Hooks, 1995; Araujo, 2011; Pacheco, 2008). Os efeitos do colonialismo e, conseqüentemente, do racismo pesam principalmente para as mulheres negras, culminando, no limite, na invisibilidade intelectual e/ou na solidão matrimonial. No livro de Faustino há pistas para entendermos como essa questão é problemática. Fanon – como intelectual negro crítico – analisa a relação do racismo e da afetividade do ponto de vista do homem negro. Com isso, é perceptível como – até mesmo entre os intelectuais negros – as mulheres negras estão em segundo plano.

Relacionado a esse tema, sublinho a ausência de representação de mulheres negras em espaços intelectuais socialmente reconhecidos, como o da academia. Essa também é uma discussão importante que já vem sendo feita em nosso país pelas mulheres – sobretudo negras –, mas que ainda não recebeu a devida atenção por parte dos homens, nem mesmo dos intelectuais negros. Essa não é uma característica exclusiva de nossa sociedade, pois se mostra bem intensa em sociedades marcadas pelo colonialismo (embora não só nessas). O legado subjetivo do colonialismo subjaz a muitas estruturas atuais e de maneira plástica constrói estratégias de manutenção de poder e privilégios. Uma delas é a conservação de uma lógica social racializada e sua intersecção com a lógica machista, com atuação a partir de diferentes dispositivos de ordem cultural, linguística, afetiva, social, imagética que – no limite – operam sobre o ambiente intelectual dentro de uma lógica discriminatória.

Recorro à pensadora bell hooks⁵ para apontar elementos de operacionalização de dispositivos que naturalizam a ideia de que o ambiente intelectual é de domínio masculino. Como explicita a autora: “No patriarcado os homens sempre tiveram a liberdade de se isolar da família e da comunidade, exercer trabalho autônomo e reingressar no mundo relacional quando quisessem, independente de seu *status* de classe” (hooks, 1995: 473).

Se ao homem (independentemente de sua cor/etnia) é oferecido (e até mesmo estimulado) o exercício de divagar e do ócio, para a mulher (sobretudo a negra) é cobrada dedicação integral aos cuidados com a família (muitas vezes a de outros), lar e comunidade, o que lhe despoja o tempo necessário ao pensar. Estratégia ratificada pelo “conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual” (hooks, 1995: 468).

Faustino nos coloca diante de um intelectual que fez de suas experiências de vida materiais de estudo, de ação e transformação não só de sua realidade, mas da sociedade de modo geral. As contradições de Franz Fanon, no que tange às suas escolhas intelectuais e pessoais, são também foco de estudo para todos e todas.

Do ambiente universitário ao fazer profissional e militante há muito a ser conhecido

⁵ Gloria Jean Watkins, cujo pseudônimo é bell hooks, escrito com letras minúsculas, como prefere essa autora teórica feminista, artista e ativista social estadunidense.

■ resenha de livro

sobre Fanon. A crítica dele ao reducionismo da explicação psicológica e psicanalista sobre a constituição da subjetividade do(a) negro(a) é mais um momento em que questiona a cegueira do universalismo/cientificismo de base ocidental. E, ao mesmo tempo, descortina o potencial inovador que advém do pensamento crítico e comprometido com o respeito às diversidades sem perder de vista elementos universais.

As experiências e análises de Fanon nos lembram da importância da autonomia intelectual e da unidade entre ação e ideia, bem como teoria e prática. Na década de 1950, Fanon depara com a racialização científica posta em prática em um dos hospitais em que trabalhou. Ao defrontar-se com divisões raciais das alas psiquiátricas, identifica que tais divisões “refletiam as representações dominantes dos franceses em relação aos argelinos na sociedade, úteis à manutenção das relações de poder coloniais” (Faustino, 2018: 68). A partir de então, desenvolve novo método de atuação:

E diante disso introduziu uma reforma extraordinária: substituiu a separação racial das alas por outra que considerasse o grau de sofrimento psíquico do paciente, aglutinando árabes, berberes e franceses nas mesmas alas. Além disso, a partir da reforma os pacientes passariam a ter liberdade para entrar e sair das salas quando quisessem e as camisas de força só seriam usadas em último caso (Faustino, 2018: 69).

Essas ações lhe renderam desafetos com implicações de ordem profissional e política. É importante frisar que Fanon não separava seu fazer profissional do intelectual e do político; ao contrário, entendia que o sofrimento psíquico expunha, sobretudo, a doença social ocasionada pela exploração colonial.

Com Fanon aprendemos a importância de *se fazer crítico de si mesmo* e a analisarmos constantemente as escolhas metodológicas que tomamos, atitude que nos faz desenvolver lucidez em face das possíveis armadilhas implícitas à epistemologia ocidental. A ausência da autocrítica contribui, certamente, para a cegueira intelectual que, por sua vez, contribui para adensar o coro ao anti-intelectualismo.

É necessário frisar que o livro ressalta a trajetória de Franz Fanon como militante no processo de libertação da Argélia.⁶ Do ativismo implícito ao explícito, enfatiza seu potencial crítico e sua visão sobre a necessidade de construir um novo humanismo. Com a leitura do livro entendemos o contexto (social e pessoal) em que emergiram alguns dos principais textos de Fanon. Em outras palavras, temos um retrato que nos auxilia a entender como esse importante intelectual negro foi sendo urdido. Desse modo, alcançamos alguns temas essenciais à reflexão de Fanon. A exemplo: a relação entre colonizado e colonizador, a alienação do negro, seu desenlace e renascimento identitário, o fazer revolucionário e – destaque – a compreensão do racismo como elemento cultural. Sobre esse tema vale ressaltar as palavras de Faustino acerca do pensamento de Fanon:

⁶ A partir da década de 1950, Fanon entra em contato com ativistas nacionalistas, sobretudo da Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN), passando a contribuir de forma material e intelectual em prol da libertação das colônias francesas.

■ resenha de livro

Isso significa que o racismo não se limita às suas dimensões individuais ou intersubjetivas, mas permeia as diversas instâncias da sociabilidade. [...] Em consequência, não apenas os preconceitos e atitudes isoladas, mas a política, a ética e a estética de uma sociedade racista estariam, portanto, impregnados de uma forma de conceber o negro – mas poderia também ser o árabe, o judeu, o indiano etc. – simbolicamente destituído de seus atributos humanos (Faustino, 2018: 86).

Ao analisar o racismo, Fanon destaca-o como um fenômeno que se adapta e se reconstrói em novos contextos, mantendo, contudo, sua dimensão de exploração e dominação. Como explica Faustino (2018: 87), para Fanon o racismo não é confronto de civilizações ou de culturas, tampouco um fenômeno que se explique sozinho; ao contrário, o “racismo é a negação sistemática da humanidade do outro com vistas à sua exploração e dominação”.

A preocupação constantemente afirmada de “respeitar a cultura das populações autóctones” não significa, portanto, que se considerem os valores veiculados pela cultura, encarnados pelos homens. Bem depressa se adivinha, antes, nesta tentativa uma vontade de objetivar, de encaixar, de aprisionar, de enquistar. Frases como: “eu conheço-os”, “eles são assim”, traduzem esta objetivação levada ao máximo. Assim, conheço os gestos, os pensamentos, que definem estes homens (Fanon, 1980: 38-9 *apud* Faustino, 2018: 89-90).

Desse modo, alerta para o perigo de focar a afirmação/exaltação da cultura como estratégia de mobilização e afirmação identitária, pois se corre o risco – quando essa afirmação é feita de maneira unilateral – de cair na armadilha colonial a qual dimensiona a cultura do colonizado de maneira estática, destituída da dimensão política, por mumificar o pensamento individual e objetivar a própria existência (Faustino, 2018). Essa crítica, embora tenha sido realizada em momentos históricos diferentes do nosso, de certa forma ainda é válida, já que o legado colonial não se desfez plenamente e a questão identitária é foco de debate constante.

Pouco a pouco a narrativa de Faustino nos conduz a vislumbrar uma imagem ainda insuficientemente conhecida sobre esse intelectual que – por muito tempo – foi interpretado, sobretudo, por suas contribuições ao pensamento político e revolucionário (Faustino, 2018). Contudo, como destaca o pesquisador, muito tem a nos ensinar sobre os efeitos do colonialismo à formação da subjetividade, da cultura e da identificação, mas também – complemento – sobre o espaço intelectual, os limites da academia, a complexidade do fenômeno racismo e os movimentos sociais, além do papel da branquitude⁷ dentro da lógica racista.

Por fim, cabe destacar que Faustino iniciou seu livro refletindo sobre a seguinte questão: “Por que Fanon, por que agora?”. Ao ler o livro, tem-se – a meu ver – a sensação de que **Fanon agora é fundamental** para ajudar principalmente a intelectualidade negra

⁷ Faustino se dedicou a pensar essa relação em outro texto: “Franz Fanon, a branquitude e a racialização: aportes introdutórios a uma agenda de pesquisas”. In: MÜLLER; CARDOSO. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

■ resenha de livro

a buscar compreender fenômenos como o racismo e a branquitude (construto oriundo do colonialismo⁸) de maneira mais densa a fim de perceber suas estratégias de reprodução e produção de assimetrias baseadas na ideia de raça que, em contexto de negação da ciência e da intelectualidade, têm sido interpretadas como falsas construções históricas.

Fanon agora é fundamental porque, como nos lembra bell hooks, “intelectual não é apenas alguém que lida com ideias. Intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo” (hooks, 1995: 468).

Esse é o tipo de intelectual que caracteriza Franz Fanon. A leitura do livro de Faustino reorganiza o conhecimento sobre a vida e a obra desse intelectual e contribui, sobremaneira, para a reflexão – necessária – a respeito da insurgência desse tipo de intelectual, que seja capaz de compreender que sua história se alinha à daquele(a)s com o(a)s quais comparte experiências marcadas pelo lócus social que compartilham, pelo lugar de onde falam (Ribeiro, 2017) e são observado(a)s.

Intelectuais negros e negras que sejam capazes de não só denunciar os efeitos do racismo, mas, sobretudo, pensar esse fenômeno de maneira mais ampla. Isso significa partir das teorias e categorias já elaboradas, mas ir além, criando e/ou sofisticando esquemas explicativos que deem conta das intersecções, de diferentes pontos de vista e narrativas. Para tanto, será preciso identificar os dispositivos que operam para a manutenção da estrutura social tal qual conhecemos atualmente.

Que alcancem identificar, teorizar e agir em face das intersecções que se desdobram como dispositivos de submissão e desumanização. E, ainda, que reconheçam, mas transcendam o conhecimento da academia e da militância a fim de provocar a crítica e as fissuras necessárias ao pensamento revolucionário (isto é, que tenham capacidade para desenvolver nova perspectiva para pensar a sociedade humana a partir da lógica do respeito ao Ser Humano).

Nessa empreitada, a leitura de Fanon é fundamental, tendo em vista que chama a atenção para pontos cruciais que inspiram tanto temas de pesquisa quanto posturas metodológicas.

Referências

ARAÚJO, C. F. Por que as mulheres negras são minoria no mercado matrimonial? In: XI Conlab – Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2011, Salvador, Bahia. *Anais do XI Conlab – Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, 2011.

BERQUÓ, Elza. *Nupcialidade da população negra no Brasil*. Campinas: Nepo/Unicamp, 1987. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_11.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2011.

⁸ Para a compreensão desse conceito e de como ele vem sendo delineado no contexto brasileiro, ver: SILVA, P. E. da. O conceito de branquitude: reflexões para um campo de estudo. In: MÜLLER; CARDOSO. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

■ resenha de livro

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 544, 1995.

FAUSTINO, Deivison Mendes. *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 6. 1995.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*. Campinas: [s.n.], 2008.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, P. E. da. O conceito de branquitude: reflexões para um campo de estudo. In: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

WEST, Cornel. O dilema do intelectual negro. In: *The Cornel West: reader*. Nova York: Basic Civitas Books, 1999, p. 302-315 [Tradução e notas de Braulino Pereira de Santana, Guacira Cavalcante e Marcos Aurélio Souza]. Disponível em: <http://bolodomundo.blogspot.com/2018/01/o-dilema-do-intelectual-negro.html>. Acesso em: 18/10/2018.

Texto recebido em: 22 de janeiro de 2019.

Aprovado em: 8 de março de 2019.